

# Gonçalo Salvado

## Duplo Esplendor

*Desenhos: Manuel Cargaleiro. Prefácio: Maria João Fernandes*

### Afrontamento

A comunhão e a intensidade dos corpos amados na poesia de Gonçalo Salvado radicam na fusão perfeita da matéria terrena e do chamamento cósmico. Do poeta e pintor saiu agora *Duplo Esplendor*, ilustrado com desenhos de Manuel Cargaleiro e prefaciado por Maria João Fernandes.

De livro em livro, de poema em poema, dialogamos com um autor de invulgar engenho, delicado no uso das palavras, criando uma consciência poética que, sobretudo no poema breve, alcança a sublime leveza. “Eu canto a nudez de te possuir / dentro de uma voz que para te dizer se abrasa / mas calo-me como apagada água / ante o fogo que significas.” A posse tem em Gonçalo Salvado a grandeza do humano mais puro, límpido; ela é “nudez” e “apagada água” pois a mulher amada permanece tesouro primordial, morada do absoluto e do eterno.

“Se toda a minha vida te pertence / como crer em minha morte?”, outro poema (de apenas dois versos) sintetizando a mágica unidade dos amantes numa poesia que bebe o encantamento amoroso de *Cântico dos Cânticos* (inspiração assumida), partilha do universo solar de Júlio/Saul Dias, sente os “prodígios” camonianos, no entanto a inventividade lírica não se deixa aprisionar. O poeta de *Duplo Esplendor* tem luz própria, a sua modernidade e qualidade imagética ocupam o lugar de uma frescura intrínseca.

Em Gonçalo Salvado, a celebração do amor e da sensualidade (tal como acontece na imensa poesia de seu pai, António Salvado) faz-se

por meio da natureza do belo, da liberdade plena e de uma culta,  
vital, simplicidade.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*